

Isto é FFHH, disse Nicolau

ELIO GASPARI

FHH precisa reciclar sua metodologia de citações. Quatro anos de principado desgastaram-lhe a retórica. Entrou no Planalto com um belo discurso de posse, citando com propriedade e elegância o "mandato da raça negra" de que falou Joaquim Nabuco, mas aos poucos foi tomando liberdades indevidas com os clássicos.

Primeiro alterou suas relações com a bibliografia. Da posição de humildade de quem cita com respeito a grandeza alheia (o caso da referência a Nabuco) passou a uma relação de parceria, como se ele e os clássicos fossem sócios de um mesmo clube. O melhor exemplo dessa tendência tardia foi sua aula na Universidade Sarah, no início de abril. Mencionou Aristóteles e Sócrates numa reflexão sobre o poder com a naturalidade de quem menciona Píndaro e Pinheiro numa reminiscência da velha defesa do Fluminense. Citou Max Weber com rigor, mas talvez com excessiva intimidade.

Até aí, nada de muito. Na manhã de domingo passado, a intimidade excessiva cobrou seu preço a FFHH. Estava discursando na sessão do Interaction Council, no Rio, quando informou o seguinte:

— No momento das reformas, o político deve ser muito cuidadoso, porque os que melhor vão se beneficiar com as reformas ainda não sabem disso. E os que começam a perder sabem de imediato. Isso é Maquiavel — acrescentou.

Qual Maquiavel, o Nicolau? Difícil. O homem de "O príncipe" disse outra coisa. O seguinte:

"As ofensas devem se fazer todas de uma vez, a fim de que, tomando-se-lhes menos o gosto, ofendam menos. E os benefícios precisam ser realizados pouco a pouco, para serem mais bem saboreados."

A ousadia levou FFHH a diversas transgressões. Misturou as supostas virtudes da política do monarca com a percepção que seu povo tem delas, quando Maquiavel estava dizendo o contrário: para ele o bem era o bem e o mal era o mal. Tanto o príncipe quanto a choldra viam o bem como bem e o mal como mal. Na segunda, embaralhou o bem, o mal e as suas reformas.

Uma reforma pode ser boa para o príncipe, sem sê-lo para os súditos. Pode até ser um desastre. Para ficar nos domínios da Itália, nenhum de seus governantes reformou tanto aquele Estado quanto Benito Mussolini. Ele achava que as reformas do fascismo fariam bem à Itália, ao seu povo e a ele próprio. Deu no que deu. (O exemplo de Maquiavel é até derogatório. Está no capítulo daqueles que, por celerados, chegaram ao principado.)

Citações tortuosas e apropriações indevidas não chegam a ser uma questão relevante, mas o uso que FFHH vem fazendo de sua biblioteca vai além disso.

No momento em que ele se apresenta

como membro de uma Sociedade dos Clássicos Vivos e se dirige aos gentios informando que a reforma da previdência tem amparo bibliográfico em Maquiavel (ou Machado, Marat e Malasartes, dá tudo na mesma), ele dá ao seu palanque um altura imprópria. Sugere que de um lado estão ele e os clássicos. Do outro, a patulêia que, ouvindo-o, deve apoiar suas reformas não só porque são uma proposta de governo, mas porque são também um teste de conhecimentos. Contrariá-lo significa chafurdar na ignorância, por não entender o que ele diz e por não saber o que Maquiavel escreveu.

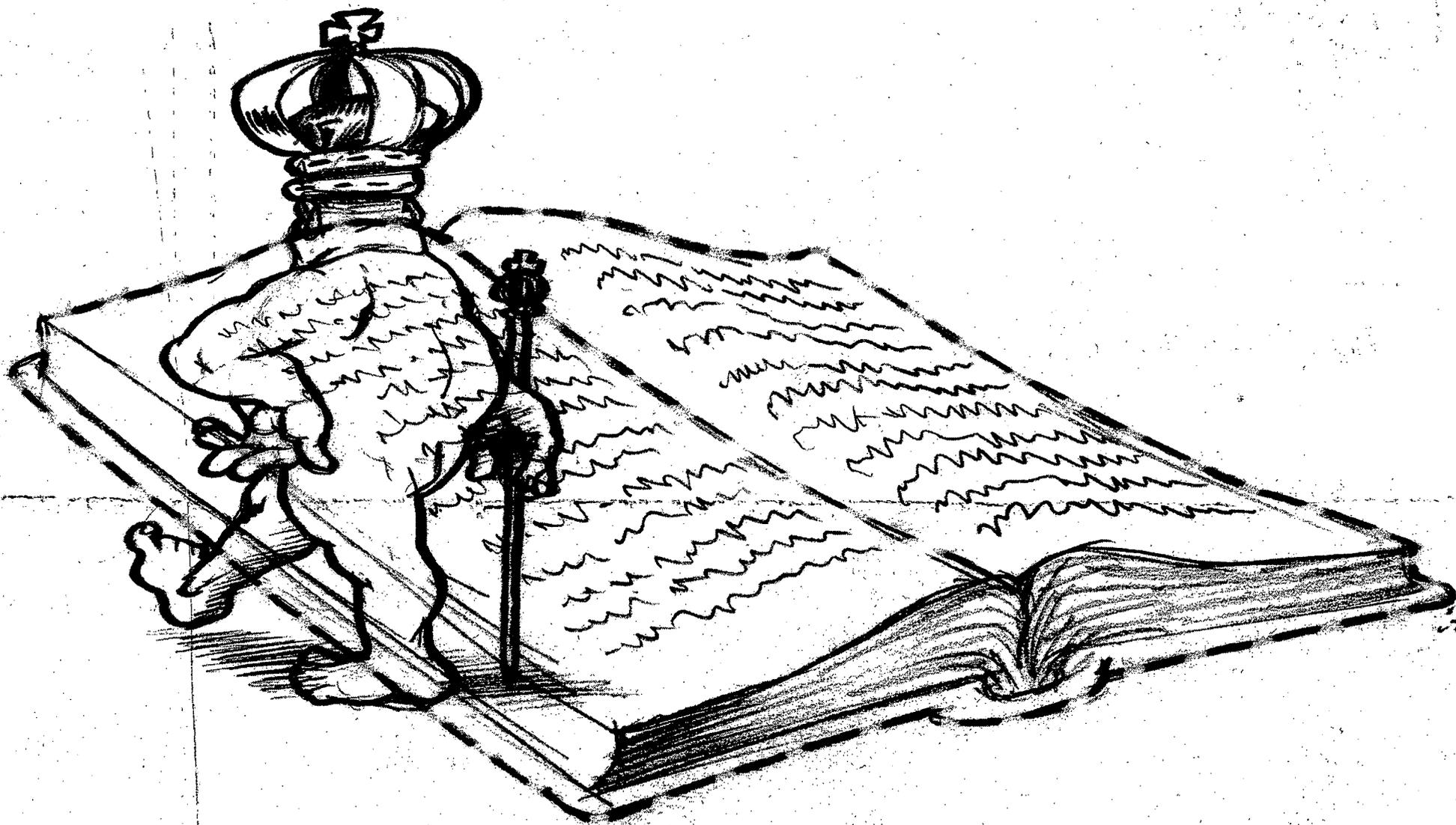
No domingo, errou não só de Nicolau,

mas também de platéia. Não estava falando para um auditório de funcionários públicos e amigos do príncipe reunidos em Brasília. Tinha na platéia alguns sujeitos que não se pode chamar de néscios. À direita, Helmut Schmidt, ex-chanceler da Alemanha, um daqueles homens de Estado que se ouve com o prazer de quem viu a Mangueira entrar na avenida. À esquerda, o ex-primeiro-ministro australiano Malcolm Fraser, que acabara de colocar humildes dúvidas sobre a essência do processo de privatização da previdência social que tomou conta do mundo. Numa fila do auditório, o ex-secretário de Defesa do Estados Unidos Robert McNamara.

Mereciam coisa melhor. Num governo que cevou a banca com o Proer e está tomando a aposentadoria por tempo de serviço dos trabalhadores que ganham menos de dois salários-mínimos, ficaria bem melhor outra citação. Esta:

"Talvez a ciência econômica e financeira seja isto mesmo, o avesso do que dizem os discutidores de bonds. Quantas verdades escondidas em frases trocadas (...). Grande consolação é persuadir-se um homem de que os outros são asnos. Como diria FFHH: isto é Machado de Assis."

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.



Cr